

Sobre as funções dos Marcadores Discursivos

Eduardo Penhavel

Unesp – Universidade Estadual Paulista – Câmpus de São José do Rio Preto
Rua Cristóvão Colombo, 2265 – Jardim Nazareth – CEP 15054-000
eduardopenhavel@yahoo.com.br

Abstract: *This article claims that discourse markers perform two macro-functions in the discourse, textual and interactional functions, which integrate, respectively, the ideational/textual and interpersonal compounds of language.*

Keywords: *Discourse markers; ideational function; interpersonal function; textual-interactive organization; Functional Grammar.*

Resumo: *Este artigo defende que os marcadores discursivos exercem duas macro-funções no discurso, a textual e a interacional, que integram os componentes ideacional/textual e interpessoal da linguagem, respectivamente.*

Palavras-chave: *Marcadores discursivos; função ideacional; função interpessoal; organização textual-interativa; Gramática Funcional.*

1. Considerações iniciais

Marcadores discursivos (MDs), em termos gerais, são mecanismos que atuam no nível do discurso (aqui entendido como organização textual-interativa), estabelecendo algum tipo de relação entre unidades textuais e/ou entre os interlocutores. Consistem em recursos imprescindíveis e muito recorrentes na construção do discurso; no entanto não constituem ainda uma classe bem definida. Na literatura sobre o assunto, há, inclusive, uma ausência de consenso terminológico, pois é possível encontrar, referindo-se a esses mecanismos, expressões como *marcadores conversacionais*, *operadores discursivos*, *marcadores de estruturação da conversação*, *apoios do discurso* etc. Risso *et al.* (1996), adotando as palavras de Pottier (1992) a respeito dos advérbios e transferindo-as para o contexto dos marcadores, dizem que “se tem incluído sob a rubrica de ‘marcadores’, todos os recursos discursivos ‘com os quais não se sabe o que fazer. A sua lista não se fecha nunca e não se lhes dá uma definição integrante’”.

Assim motivado, apresento, neste artigo, considerações sobre as funções dos MDs, assumindo, na seção 2, que esses mecanismos desempenham duas macro-funções na organização do discurso: a textual e a interacional, que integram, respectivamente, os componentes ideacional/textual e interpessoal (Halliday, 1978); incluo ainda comentários sobre o tratamento dos MDs no modelo da Gramática Funcional. Na seção 3, exemplifico esse comportamento por meio da análise de alguns usos do MD *e e*, na seção 4, comento rapidamente as perspectivas para tratamentos futuros dos MDs.

2. Marcadores Discursivos: funções textuais e interacionais

Embora a classe dos MDs não disponha de critérios definidores suficientemente precisos, a bibliografia disponível apresenta um importante ponto de convergência no

que se refere à função dos MDs. Podemos observar, em diferentes autores, uma distribuição geral dos MDs em dois grupos, um integrado mais estreitamente aos componentes ideacional e textual, e outro, ao componente interpessoal do sistema lingüístico (Halliday, 1978), os quais identifico aqui como “funções textuais” e “funções interacionais”, respectivamente.

Fraser (1999) observa a existência de duas classes principais de MDs: *MDs que relacionam mensagens* (aqueles que relacionam algum aspecto das mensagens veiculadas pelos segmentos que seguem e que precedem o marcador) e *MDs que relacionam tópicos* (marcadores que envolvem algum aspecto da condução discursiva).

Nessa direção, Risso (1996a, p.31), referindo-se a mecanismos que, em trabalho posterior (Risso *et al.*, *op. cit.*), identifica como MDs, atesta “a presença de um conjunto de palavras ou locuções envolvidas no ‘amarramento’ textual das porções de informação progressivamente liberadas ao longo da fala, e no encaminhamento de perspectivas assumidas em relação ao assunto, no ato interacional”. Ainda segundo a autora (1996b, p.423), a natureza da atuação discursiva desses mecanismos permite distribuí-los “entre dois planos não necessariamente exclusivos, antes quase sempre interrelacionados, conforme seu envolvimento maior com a organização da informação, na estrutura ideacional do discurso, ou com a organização das relações entre os interlocutores, na estrutura interpessoal”.

Risso *et al.* (1996, p.55) apresentam a seguinte propriedade dentre o conjunto de traços que definem como núcleo piloto na delimitação dos MDs:

Como mecanismos verbais da enunciação, atuam no plano da enunciação textual-interativa, com funções normalmente distribuídas entre a projeção das relações interpessoais – quando o foco funcional não está no seqüenciamento de partes do texto – e a proeminência da articulação textual – quando a dominante deixa de estar no eixo da interação.

Para os autores, as duas funções correlacionadas na propriedade acima, projeção das relações interpessoais e proeminência da articulação textual, delineiam dois subcampos que exauram as funções gerais dessas marcas lingüísticas sob enfoque.

Marcuschi (1986), por sua vez, investiga mecanismos que correspondem aos aqui enfocados, embora os denomine *Marcadores Conversacionais* (MCs). O autor verifica que, quanto a funções específicas, cada qual pode ter *funções sintáticas* (responsáveis tanto pela sintaxe da interação quanto pela segmentação e pelo encadeamento das estruturas lingüísticas) e *funções conversacionais*. Ainda segundo o autor (1989, *apud* Castilho, 1998), sob um enfoque, ao que parece, reformulado em relação ao anterior, é possível reconhecer dois grandes tipos funcionais de MCs: *marcadores textuais* (direcionados para a orientação do texto – *marcadores ideacionais* para Castilho, *op. cit.*); e *marcadores pragmáticos* (orientados para a interação verbal – *marcadores interpessoais*, segundo Castilho, *op. cit.*).

Os mecanismos discursivos a que me refiro aqui parecem integrar-se mais adequadamente, nos termos da Gramática Funcional, ao que Dik (1997) chama de “Constituintes Extra-Oracionais” (CEOs): expressões que não podem ser analisadas como orações nem como fragmentos de orações e que podem estar sozinhas, ou preceder, seguir, e até mesmo interromper uma oração, estando associadas a ela de forma mais frouxa do que os constituintes que fazem parte da oração propriamente dita. Vejamos os tipos gerais de CEOs que Dik (*op. cit.*, p.384) distingue:

- (i) controle da interação: CEOs que pertencem à criação e manutenção das condições interacionais que devem ser preenchidas para que um evento discursivo seja implementado;
- (ii) especificação de atitude: CEOs que pertencem ao tom emocional/de atitude em que o discurso é realizado;
- (iii) organização do discurso: CEOs que pertencem à organização, à estruturação e à apresentação do conteúdo discursivo;
- (iv) execução do discurso: CEOs que desempenham uma função na expressão do conteúdo real do discurso.

Parece possível, em princípio, estabelecer uma certa equivalência entre (i)-(ii) e o que chamo aqui de “função interacional” e entre (iii)-(iv) e o que rotulo de “função textual” dos MDs. No entanto, tomando, por exemplo, CEOs responsáveis pela “Orientação do discurso”, um subtipo de (iii) (subdivididos em “Tema”, “Condição” e “Cenário”), vemos que as considerações e preocupações envolvidas na delimitação de CEOs são de uma ordem diferente das noções abordadas no estudo dos mecanismos discursivos aqui investigados. Embora Dik (*op. cit.*, p.380) reconheça que os CEOs sejam fracamente associados à oração e não possam ser facilmente descritos em termos de regras e princípios intra-oracionais, a noção de CEO (como o próprio nome desses constituintes sugere) parece ainda muito dependente da estrutura interna da oração. Considerando que os chamados MDs, apesar de não representar uma classe bem definida, identificam-se por ser constituintes discursivos, exteriores não só à oração, mas a toda a sentença, a aproximação entre CEOs e MDs causa um certo desconforto e demanda, portanto, uma reflexão mais detalhada.

Uma alternativa possivelmente mais promissora para tratamento dos chamados MDs no quadro da GF talvez seja considerar esses mecanismos como satélites e operadores de oração (σ_5 e π_5 , respectivamente), dentro do modelo de representação do enunciado proposto por Hengeveld (1990). Satélites de oração, segundo o autor, captam os meios lexicais por meio dos quais o falante localiza seu enunciado dentro do contexto do discurso e, assim, restringe o conjunto de perlocuções potenciais desse enunciado. Essa definição parece se adequar muito satisfatoriamente à função dos MDs, pelo menos no que se refere a sua função textual, conforme a concebo aqui. Hengeveld (*op. cit.*) diz que essa classe de satélites não apresenta equivalente gramatical. No entanto conectivos como *e*, *ou* e *mas*, entre outros, meios claramente gramaticais, exercem funções exatamente equivalentes à que figura na definição dos satélites de oração e poderiam, ao que me parece, receber o estatuto de operadores de oração (π_5). De qualquer forma, o tratamento dos mecanismos rotulados de MDs no quadro teórico da GF, sobretudo no contexto atual de expansão de uma gramática da sentença para uma gramática do discurso, exige uma investigação mais minuciosa.

Diante do quadro exposto acima, opto, por ora, pela denominação “marcadores discursivos”. “Marcadores” simplesmente por ser o termo mais recorrente (embora também deva ser repensado); “discursivos” parece o mais adequado por ser mais neutro e geral, pressupondo tanto a organização textual (ideacional e textual) quanto a articulação interacional (interpessoal) da linguagem (ao contrário, por exemplo, do termo “conversacional”, que sugere, inevitavelmente, um comprometimento exclusivo com um tipo de texto oral, que é a conversação (Risso *et al.*, *op. cit.*), e que parece privilegiar apenas aspectos interacionais, em detrimento de textuais). A opção pelas expressões “função textual” e “função interacional” se deve a uma adequação à terminologia adotada por pesquisadores do Projeto de Gramática do Português Falado,

que reconhecem o nível de organização lingüística denominado “textual-interativo”, detendo-se consideravelmente sobre a análise de MDs, e à possibilidade de uso satisfatório dessas noções e dessas expressões em GF.

Os MDs exercem funções textuais quando atuam na organização do conteúdo informacional do discurso. Nesse caso, integram-se aos componentes ideacional e textual da linguagem, operando num nível hierarquicamente superior ao da sentença. Funcionam como mecanismos de coesão textual, estabelecendo algum tipo de relação semântica, e, às vezes, quase puramente estrutural, entre diferentes unidades discursivas. Propiciam, por exemplo, abertura, expansão, retomada e fechamento de tópicos e distinção de estruturas de figura e fundo. Algumas formas típicas que realizam essa função são: *agora, então, e, mas, aí, ou seja, enfim, em resumo, quer dizer* etc. Os MDs exercem funções interacionais quando atuam no processamento da interação conversacional, quando cumprem alguma função advinda diretamente da relação face-a-face entre os interlocutores, integrando, portanto, o componente interpessoal da linguagem. Como os MDs textuais, os marcadores interacionais não são constituintes sentenciais, são exteriores ao conteúdo proposicional e sintaticamente independentes de suas unidades adjacentes. Algumas formas típicas são: *entende?, né?, sabe?, ta?, bom..., olha..., certo, claro, sei, uhn uhn* etc.

Há uma forte tendência para os MDs desempenharem simultaneamente uma função textual e uma função interacional. Embora em alguns casos seja difícil constatar isso, a simultaneidade de funções é um traço característico dos MDs. Risso *et al.* (*op. cit.*) mostram que essa relação pode se dar de três formas diferentes: (i) com predominância de uma das funções, que é a situação mais freqüente; (ii) com expressão forte das duas funções; (iii) com uso fracamente expressivo de ambas as funções.

3. Funções textuais e interacionais do MD e

Vejamos o exemplo abaixo.

- 1 L2 na minha casa de manhã é uma loucura ((risos))
- 2 L1 na minha casa também porque...saem...ahn::cinco...comigo de manhã às sete horas...
[...]
- 3 e::depois volto para casa mas chego já apronto o outro para ir para a escola...o menorzinho
- 4 e fico na::quelas lides domésticas
[
5 L2 ahn ahn
- 6 L1 e:::uma coisa e outra...
- 7 e::...agora à tarde vão dois para a escola mas...tem ativi/ os que ficam em casa têm
- 8 atividades extras...
- 9 L2 uhn uhn
[
- 10 L1 *então* é um corre-corre realmente...não é? (NURC-D2-SP-360:6).

Observemos a estrutura da fala de L1. L1 e L2 vêm conversando sobre ter vários filhos e sobre o trabalho que eles dão quando são pequenos. Na linha 2, L1 afirma que sua casa, de manhã, é uma loucura (“na minha casa também”). Em seguida, entre as linhas 2 e 8, L1 elenca fatos que explicam por que isso acontece em sua casa. Na linha 10, enfim, L1 retoma o que disse na linha 2, agora confirmada pelo que relatou entre as linhas 2 e 8. O trecho entre 2 e 8 consiste em uma série de “argumentos” que defendem a “posição” apresentada na linha 2.

Podemos identificar nesse trecho, portanto, três estruturas distintas: (i) posição (2); (ii) suporte, conjunto de argumentos que “defendem a tese” exposta na posição (2-8); (iii) retomada da posição, confirmação da posição após a apresentação dos argumentos (10). O importante a observar aqui é a função que *e* e *então* desempenham para a construção e distinção dessas estruturas. Entre as linhas 2 e 8, os argumentos são ligados por *e*. É possível perceber que a repetição de *e* no início de cada sentença (*norma textual*, segundo Schiffrin, 1987) contribui para produzir o sentido de “corre-corre” que caracteriza as manhas de L1. Em 10, L1 quebra a seqüência de argumentos que vinha elencando por meio do uso de *e* e utiliza *então* (*desvio da norma*, segundo Schiffrin, *op. cit.*) para introduzir a conclusão (retomada e confirmação da posição) a que chega em decorrência da argumentação anteriormente desenvolvida.

Analisemos algumas ocorrências da função interacional de *e*.

- 1 L1 não justamente porque a tabela não:: deu certo é que:: ((risos)) vieram ao acaso
 2 *e*:: nós havíamos programado Nove ou dez filhos ... não é? então
 3 L2 a sua família é grande?
 4 L1 nós somos:: seis filhos
 5 L2 *e* a do marido?
 []
 6 L1 e a do marido ... eram doze agora são onze ...
 7 L2 ahn ahn
 []
 8 L1 quer dizer somos de família GRANdes *e*::... então ach/ acho que::... dado esse
 9 fator nos acostumamos a:: muita gente
 10 L2 ahn ahn
 11 L1 *e*::
 12 L2 *e* daí o entusiasmo para Nove filhos ...
 13 L1 exatamente nove ou dez ...
 []
 14 L2 ()
 15 L1 é *e*:: mas ... depois diante das dificuldades de conseguir quem me ajudasse ...
 16 nó::s paramos no sexto filho ...
 17 L2 ahn ahn
 18 L1 não é? ... *e*... estamos muito contentes *e*...
 19 L2 *e* dão muito trabalho tem esses problemas de juventude (NURC-D2-SP-360:2-3).

O exemplo acima é muito interessante porque contém *e* utilizado tanto como estratégia de manutenção de turno (fala de L1) quanto como estratégia de assalto a turno (fala de L2). Podemos notar que as ocorrências de *e*, na fala de L1, nas linhas 2, 8, 11 e 15, são prosodicamente alongadas, e as duas ocorrências de *e* na linha 18 são seguidas de pausa. Ora, considerando que o conectivo é uma forma de assinalar que algo ainda está para ser dito (dado seu valor semântico fundamentalmente aditivo em qualquer uso) e considerando que pausa e alongamento são indicadores evidentes de que o falante está ainda programando o discurso subsequente, esses usos de *e* certamente desempenham a função discursiva de manutenção do turno conversacional. Nesses casos, inclusive, é bastante perceptível uma função textual de continuidade tópica, o que exemplifica a simultaneidade das funções textual e interacional no funcionamento do marcador. As ocorrências de *e* nas linhas 5, 12 e 19, por outro lado, constituem mecanismos de assalto a turno. Na linha 5, L2 sobrepõe sua fala à de L1 (o que configura o assalto ao turno) para expandir a informação obtida com a pergunta da linha 3. Nas linhas 12 e 19, L2 aproveita respectivamente um alongamento e uma pausa na fala de L1 para lhe assaltar

o turno. Trata-se, inclusive, do alongamento de um *e* e de uma pausa após outro *e*. No caso da estratégia de assalto a turno, como *e* conserva o valor de adição, ao usá-lo o falante sugere sua fala como uma continuação e, até mesmo, como uma contribuição à fala do seu interlocutor. Trata-se, portanto, de uma forma de “justificar” o assalto ao turno.

4. Considerações finais

Longe de tentar oferecer definições conclusivas sobre as funções dos MDs, o que motivou este artigo foi a possibilidade que tenho observado de tratá-los com referência a duas macro-funções que exercem na organização do discurso, aqui identificadas como função textual e interacional. Trata-se, no entanto, de funções gerais, em cujos domínios uma ampla variedade de subfunções pode ser distinguida. Não obstante as contribuições fundamentais de alguns autores, os MDs ainda oferecem um campo de pesquisa muito promissor, sobretudo se, para além de focalizar suas funções, objetivarmos chegar a uma conceituação ampla e criteriosa dessa classe de constituintes.

Esse assunto se torna ainda mais interessante se atentarmos para a necessidade de enquadramento mais preciso dos MDs no contexto da Gramática Funcional e se consideramos os seus desenvolvimentos recentes, que voltam a atenção para a estrutura do discurso. Acredito que, ao nos debruçarmos mais detidamente sobre os MDs, verificaremos que o papel desempenhado por essas formas na construção do discurso tem repercussões muito maiores do que tem sido mostrado.

Referências Bibliográficas

- CASTILHO, A. T. *A língua falada no ensino do português*. São Paulo: Contexto, 1998, p.27-52.
- DIK, S. *The theory of functional grammar*. Part 2: Complex and derived constructions. N.York: Mouton de Gruyter, 1997.
- FRASER, B. What are discourse markers? *Journal of Pragmatics*. v.31, 1999, p.931-952.
- HALLIDAY, M. A. K. As bases funcionais da linguagem. In: DASCAL, M. (org). *Fundamentos metodológicos da lingüística*. v.1. São Paulo: Global, 1978, p.125-161.
- MARCUSCHI, L.A. *Análise da conversação*. São Paulo: Ática, 1986.
- RISSO, M. S. “Agora... o que eu acho é o seguinte”: um aspecto da articulação do discurso no português culto falado. In: CASTILHO, A. T. (org.). *Gramática do português falado*. 2.ed. Campinas: Editora da Unicamp/FAPESP, v.III, 1996a, p.31-60.
- _____. O articulador discursivo “então”. In: CASTILHO, A. T.; BASÍLIO, M. (orgs.). *Gramática do Português Falado*. Campinas: Editora da Unicamp/FAPESP, v.IV, 1996b, p.423-451.
- _____. *et al.* Marcadores Discursivos: traços definidores. In: KOCH, I. G. V. (org.). *Gramática do português falado*. Campinas: Editora da Unicamp/FAPESP, v.VI, 1999, p.21-94.
- SCHIFFRIN, D. *Discourse markers*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.